

Feijoada quilombola: chancela de etnicidade

Feijoada quilombola: ethnicity's endorsement

Mônica Dias de Souza¹

Resumo: A feijoada discutida como alimento étnico “*soul food*” é novamente abordada numa perspectiva identitária, problematizada e reiterada seu valor simbólico enquanto veículo identitário, multidimensional e interdisciplinar. Com base nos estudos sobre identidade e etnicidade de Barth e Hall e de comida como linguagem (Mary Douglas) e memória (Holtzman) procurou-se etnografar a Feijoada da Liberdade, promovida por moradores do Quilombo da Machadinha, localizado em Quissamã, Norte Fluminense. Nesta etnografia a comida é investida de seu vetor identitário. Como símbolo em disputa, o evento feijoada contribui para acionar certos valores e entendimentos acerca da identidade quilombola e compartilha-los no coletivo. Por meio do evento são acionados outros símbolos étnicos como o jongo, perfazendo um esquema de reforço identitário interno, entre os próprios moradores, e externos, os comensais, coparticipes da comida e de seus sentidos culturais-culinários neste evento de sociabilidade identitária.

Palavras-chave: comida – identidade – etnicidade – quilombo

Abstract: *The feijoada discussed as an ethnic soul food is approached again in a identity perspective, problematised and reaffirmed in your symbolic value as an indentity vehicle, multidimensional and interdisciplinar. Based in Barth's and Hall's studies about indentity and ethnicity, and food as language (Mary Douglas) and memory (Holtzman) an ethnography about the Feijoada da Liberdade, promoted by residentes of the Quilombo da Machadinha, localized at North Fluminense, is made. In this ethnography the food represents your value as an identity. As an symbol in dispute, the event feijoada contributes to bring some values and understandings about the quilombola identity and to share them in the collectivity. Through the event other ethnic symbols are brought, such as the jongo, making na scheme of intern identity reinforcement between the residentes themselves and the outsiders, the eaters, participants of the food and of their cultural-culinary meanings in this event of identity sociability.*

Key-words: food – identity – ethnicity – quilombo

Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade
Vol. 5 no 2 – julho de 2017, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2238-4200

Portal da revista Contextos da Alimentação: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/>

E-mail: revista.contextos@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Internacional 

1. Introdução

Estudos na área da Antropologia da Alimentação discutem a importância da comensalidade como ato de sociabilidade, costume que produz *habitus* (BOURDIEU, 2001). É compreendida também como gramática social e simbolização das relações (STRAUSS, 1969; DOUGLAS, 1967). Demonstra-se que a comida e o ato de comer estão repletos de afetos, elemento nostálgico capaz de provocar memórias, construir e mediar identidades. A investigação de cozinhas e pratos possibilitam a recompor a série de elementos sócio-políticos que os constituiu. Deste modo, a comida e o comer tornam-se indispensáveis para se pensar as relações sociais. Comidas étnicas são potencialmente um excelente objeto para compreender as dinâmicas sociais que permeiam sua historicidade e seus múltiplos usos. A intenção desta reflexão é problematizar alguns temas caros à Antropologia, como a noção de autenticidade, patrimônio e de identidade, como mediadores para um conjunto de ideias e sentimentos e plataforma para ação social.

A incursão pelos debates da antropologia da alimentação reforça o caráter multidimensional e interdisciplinar que originou esta pesquisaⁱⁱ. A pesquisa teve como base o mapeamento dos grupos culturais da Machadinho, como o jongo. Este por sua vez é organizador da feijoada quilombola. Havia também um movimento de mulheres quilombolas para reaver um espaço culinário local, a Casa de Artes. Nela, há alguns anos atrás, o Projeto Raízes do Sabor (2003), principiou o interesse em juntar receitas e modos de fazer “dos antigos”. Assim, o método do mapeamento, na identificação de lugares, pessoas, objetos e saberes, como exsicata social, somou-se ao trabalho de campo, cuja pesquisa etnográfica, descritiva, acompanhou-se de entrevistas pontuais, visando o aprofundamento de algum tema específico ou afim de esclarecer algum ponto importante.

Ressalta-se, sobretudo, que a pesquisa era parte de um projeto que tinha por função potencializar as ações culturais locais. Desta forma, procurava-se dar visibilidade às suas ações que, aos nossos olhos, tinha forte caráter político. Destaca-se que cultura e política atuam em interface, relação que promove sociabilidades e subjetividades, que promove cidadania e material existencialⁱⁱⁱ. Tal caráter, imprimia às ações culturais a perspectiva de recurso, material que reforçava e visibilizava as plataformas políticas daquela comunidade. Destas, destacam-se o auto-reconhecimento identitário quilombola e a ideia de legitimidade do direito à propriedade das terras da antiga fazenda. Reconhecer-se como quilombolas e suas terras como quilombo tornou-se elemento fundamental das relações de identificação, dos sentimentos que (re)produzem pertencimentos e vínculos comuns. A comensalidade é parte deste contexto fomentando interações entre indivíduos; alinhando interesses distintos e, por vezes, isolados. Neste modo lúdico e onírico de interação, de sociabilidade motivada pelo encontro promovido pela comida e tudo o que agrega de valor de sentido e sentimentos, extrapola-se a noção de comer como mera saciedade.

O comer, como demonstra a antropologia é parte de um complexo um sistema simbólico (DOUGLAS, 1975). Há quem conceba a dieta numa perspectiva meramente funcional, classificando-se os alimentos pelas suas propriedades nutricionais.

Entretanto, para além da ordem prática, considera-se uma série de injunções culturais acionadas no ato de comer em que se busca satisfações de diferentes ordens, como a da corporeidade moderna (bodybulding, por exemplo, das racionalidades médicas (LUZ e BARROS, 2012), das práticas religiosas e suas dietas regidas pelo calendário litúrgico, entre outras que instituem modelos alimentares e suas razões práticas, definidoras do que é ou não comestível (SAHLINS, 2003).

As satisfações degustativas sociais não devem ser desprezadas, são significativas das relações sociais, comunicam ordenações e definem gostos, modos, práticas e saberes. Alguns pratos tornam-se verdadeiros ícones de classe, fomentando prestígios sociais, àqueles relacionados a estilos de vida conspícuo, ao gozo alimentar, ao hedonismo. Este tipo de distinção relaciona-se às classes, entre classes distintas ou internamente. Certas cozinhas e pratos típicos, regionais, são fomentados pela história, e oferecem junto aos seus ingredientes, inúmeros significados. Nos alimentamos, portanto, de sentidos e sentimentos; de desejos e intensões; de histórias, de memórias e lembranças, que servem para recordar, ensinar, afirmar e intensificar saberes e práticas de grupos e seus lugares sociais.

A prática alimentar está inserida nas dimensões da estrutura social (MINTZ, 2001; WOORTMAN, E. 2013), compreendendo seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Seguimos a pensá-las enquanto tramas de cultura, produzidas pelos homens em seu tempo, em acordo com realidades específicas, que são entrelaçadas às suas memórias transitando pelos seus códigos de relações e por sua subjetividade, a ponto de uma Madeleine e uma xícara de chá ter o poder de transportar Proust a uma outra temporalidade. Eis que a cultura alimentar pode ser metaforicamente comparada a uma substância, como emulsão. Esta, quando instável, evidencia seus componentes, no entanto, quando estável tem um efeito de homogeneidade. Diferentes situações podem produzir tais efeitos, estabilizadores/desestabilizadores.

A diáspora em diferentes momentos históricos, sobretudo movida pelas guerras, retratam a dispersão das culturas culinárias, de técnicas, alimentos e receitas, que passam a fazer parte de outro contexto cultural. Manter a cultura alimentar de origem, com a dificuldade de acesso aos alimentos e do próprio contexto, é para muitos uma questão de extremo valor, pois diz respeito a manutenção da existência espiritual e política do grupo. Mantêm-se desta forma, um mapa mental, do lugar de origem e de suas vivências, pela via da memória gustativa, pela possibilidade de retorno que por meio dela se acessa (EFRAT EM-ZE'EV, 2004). A dimensão da afecção, da percepção e do simbólico, vem recorrentemente sendo lembrada como grande potencializador das relações sociais e, neste sentido, ressalta-se seu caráter político, como agente de interlocução e operacionalizador de entendimentos, de sentidos e sentimentos, caros à forja das identidades modernas.

Consideramos a identidade em seu aspecto relacional (BARTH, 2000; DAMATTA, 1987; OLIVEIRA (1976). Diz respeito a competência social de exercitar constantemente o olhar de diferenciação: nós e os outros. Identificado o "quem somos", como sujeito que fala de si, protagonista de sua história e dos recursos que lança mão para conta-la, para estabelecer fronteiras, seus signos, rituais, imagens e valores, vetores desta diferenciação. Ou seja, a identidade não é algo estático, imutável, ao contrário, intercâmbios são frequentes, algumas situações reforçam determinados caracteres outros a transformam. A ideia de Devir (DELEUZE,1988) é cara para a situação etnográfica que descrevemos, considerando a emergência da

identidade quilombola no universo de produção de distinções étnicas e suas vocalizações pelos movimentos sociais negros e afins, e seus múltiplos acionamentos e na produção e promoção da mobilidade dos seus signos. Considera-se as mediações que promovem tais diferenciações, produtoras de dinâmicas e de rupturas com reificações com aquilo que se percebe como dado, sólido, imutável, estático, como o próprio conceito de quilombo, resignificado pela constituição de 1988. Diz respeito a pertencimentos acionados. Neste caso, vale ressaltar que é um processo de identificação político-cultural, que permeia o jogo de identidades modernas àquelas que garantem afinidades e simulacros pelos signos que aciona, dando formas a modos de ser e estar no mundo.

Observamos um grupo quilombola do Rio de Janeiro, o Quilombo da Machadinha localizado no Norte Fluminense. Ao longo dos últimos 15 anos, alguns moradores de diferentes localidades deste quilombo, vem buscando reforçar seus aspectos identitários étnicos. Registramos, de modo etnográfico, uma de suas feijoadas ocorrida em 2016. A feijoada é entendida como evento repleto de sentidos identitários, símbolo multivocal, diverso em sentidos e significados. A observação participante, acompanhando o preparo do prato junto ao grupo, na participação nas oficinas^{iv} do evento, e, ainda entrevistas estruturadas e conversas informais, foram estratégias utilizadas na pesquisa que resultaram neste artigo. Procuramos investir na perspectiva de, através de um elemento focal, a comensalidade étnica, tecer tramas em busca das relações presentes no que vem sendo constituída como sua gênese.

2. A identidade da feijoada: alguns debates

No contexto contemporâneo em que identidades étnicas conformam um universo de sentido de amplo espectro, polissêmico, de uso político-identitário igualmente diverso procura-se versar sobre o fenômeno da identidade afro-brasileira, perspectivando-a como identidade étnica, acionada, situada, projetada, subjetivada e dada a ser compartilhada, resignificada e apropriada em situações sociais específicas (HALL: 2003). Remetemos a análise deste prato considerado “típico”, a feijoada, a um contexto relativamente recente, quando há aproximadamente trinta anos, reemerge na antropologia o interesse pela comida e relacionada à dimensão identidade. O marco desta relação está vinculado ao interesse em investigar práticas e costumes, a vida material associada às representações dos povos subalternos, inovação de uma linhagem de pesquisa inaugurada pela Escola dos Annales, que reuniu inicialmente pesquisadores franceses em torno desta problemática. Destaca-se também as transformações decorrentes da descolonização, entre outros, que deram visibilidade às questões referentes à produção das diferenças e das desigualdades sociais e de gênero, além dos processos migratórios, que influenciam pesquisas nas áreas das ciências humanas em geral, nas artes, literatura e afins.

No Brasil, a pesquisa sobre alimentação está vinculada a ideia de influência. Que povo afinal nos influenciara? Que tradição? Louvores aos europeus, à culinária alemã, italiana e aos povos exóticos, como os indígenas e os negros da terra: povos que formaram o Brasil (CASCUDO, 2004). Destaca-se também pelo viés político dos anos 1960/70 a relação nutrição/classe trabalhadora, da fome, da desnutrição, sob o enfoque biológico e sócio-econômico. Nos últimos vinte anos o quadro de pesquisa vêm ampliando horizontes, sobretudo num crescente lastro de interesse pela

comensalidade, pelos aspectos culturais e socializadores da comida junto aos efeitos de uma modernidade alimentar que impacta nas dietas, atualizando o interesse pelas dimensões local/global, patrimônio e identidade, entre outros.

A comida vem sendo porta de entrada para reflexões socioculturais. O caso específico da comida étnica, como a feijoada por exemplo, tornou-se um prato cheio para pensar as relações identitárias e suas interfaces, sócio-históricas, as relações com movimentos sociais e identidades e direitos acionados, ampliando consideravelmente o espectro de análise. No campo teórico-metodológico, acumula-se uma série de pesquisas e debates, que direta ou indiretamente tratam do tema, abrindo novos flancos (DAMATTA, R.; WOORTMAN, E. 2013; CANEIRO, M., 2005; MACIEL, E. 2001; CONTRERAS E GARCIA, 2004).

A respeito da população afro-descendente, marcadores étnicos vem sendo utilizados como veículo de afirmação. Movimentos sociais ao longo da segunda metade do século XX vêm acentuando as fronteiras étnicas, margens por vezes imaginárias^v que produzem “lugares”, que geram impedimentos e procedimentos, demarcando espaços sociais. Problematizam subterfúgios responsáveis por um subjugo inconsciente, hereditário, formador de *habitus* (BOURDIEU, 2001), elemento expresso no comportamento do sujeito, como algo duradouro e determinante das ações, e, neste sentido, define e opera sentidos e práticas. Veículo de distinção social, o *habitus* regula e orienta distinções e discriminações nas relações sociais.

As demarcações atuais, expressas nas pautas políticas, na vestimenta e no corpo, tornaram-se *modos operandis* para afirmação identitária, que, entre outros motivos e motivações, promove disputas de lugares sociais e bens, simbólicos ou não. Notadamente as disputas e os conflitos decorrentes da mesma promovem relações belicosas, como batalhas^{vi} a serem travadas no campo do direito, em busca de reparação, pelo saldo devedor do Estado em relação à população escravizada, que teve seus descendentes espoliados de direitos (a terra é um deles) e que, marginalizada, se encontra disputando espaços de poder e de garantia de direitos, como o acesso à universidade e o reconhecimento dos espaços/territórios mediadores de ancestralidade.

Guardada a devida força, energia e intenção do momento que levou o antropólogo Lévi-Strauss a esboçar a máxima de que “a comida é boa para pensar”, recuperamos este mote para empreender o esforço de pensar por meio dela. Tomamos assim a comida como suporte, veículo estratégico para refletir sobre os sentidos e usos da feijoada no contexto quilombola, especialmente na Feijoada da Liberdade. Nesta trama de sentidos, relembrando Geertz (1989), a ancestralidade e a identidade afrodescendente são elementos imprescindíveis na receita da feijoada. Todo o ritual de preparo da feijoada é construído sob tais elementos. Nas rodas de conversa deste evento, cada um tinha uma história para contar sobre a feijoada, de como e porque seria “comida dos escravos”, “dos antepassados”. No preparo do evento identificou-se a relação entre feijoada e escravidão.

Tal associação também foi identificada na divulgação. Ressalta-se a singularidade de que neste quilombo há moradores vivendo nas antigas senzalas. Isto gera situações ambíguas, como o fato serem identificados como descendentes de escravizados, porém não “quilombolas”, pois estes seriam associados a negros fugitivos.

Escravidados que fugiam são associados a figuras de resistência à escravidão e, em oposição, aqueles não fugiram, são relacionados à figura do “bom escravo”, do “subserviente” e do “submisso”. Neste caso, não se considera como margem de resistência saberes e fazeres negociados, a antiga malandragem, malícia reconhecida como recurso de maestria, que servira como estratégia de sobrevivência, de melhor viver e de resistência, como afirmam Reis e Santos (1989), destacando tal estratégia como “sabedoria escrava”. Logo, o fato de terem permanecido nas senzalas produz sentimentos controversos, notado na dificuldade em expressar o que sentem e sabem, por vezes temerosos do que de fato devem ou não expor^{vii}.

Além da feijoada, que é ícone e metáfora^{viii} de uma ancestralidade, na comida tradicional local identificam-se vestígios da comida da época do engenho, quando o consumo era baseado no que estava ao alcance, fruto da roça próxima de casa. Estão presentes o quiabo, a mandioca e os temperos do quintal; o peixe, a galinha e o leite, que geravam “pratos típicos” como a sopa de leite, pirão de leite com carne seca, o capitão de feijão, a tapioca com sassá (peixe típico da região), entre outros pratos que remetem à imemorialidade. Dimensões mais pregressas, numa pressuposta antiguidade escrava, chega-se à feijoada, mas não a atual, festiva, mas o feijão carregado porque não tinha meios de preparar outros pratos e, por tal motivo, colocava-se tudo o que tinha no feijão. Misturando à farinha preparavam um prato que dava “sustância”, comida que segurava a fome, que saciava e dava força para o trabalho na roça.

O debate antropológico sobre a feijoada tem um certo acúmulo, e, segundo uma das clássicas versões, a feijoada teria nascido nas senzalas da mistura do feijão preto com os restos das carnes de porco desprezadas pelos senhores, e complementada com farinha mandioca, base da alimentação escrava. Segundo Carneiro (2005:76), *“costuma-se apresentá-la como expressão da fusão racial brasileira, um prato feito pelos negros com partes menos nobre do porco e com o feijão, de origem americana, num cozido de técnica europeia”*. Operacionalizado pela lógica da mistura racial, a feijoada é arcabouço simbólico que extrapolou a mistura para firmar-se como “afro-brasileira”. A comida que seria então considerada de menor qualidade, torna-se iguaria étnica, junto à emolduração do típico nacional. Mas, ainda, vem sendo constituído como elemento utilizado na batalha étnica, para afirmar ideias, confirmar lugares e dar visibilidade a inúmeros sentidos do ser étnico nacional por não se circunscrever a um grupo identitário específico ou região^{ix}.

Câmara Cascudo (1983) notava a feijoada como alimento de inspiração européia, não pelos ingredientes, mas pela técnica de misturar elementos, como legumes e carnes à moda do cozido português, do *bollito* misto e da *casouela* italiano, da *fabada* valenciana, a *paella* espanhola e do *cassoulet* francês (CASCUDO, 2004: 447). Se a técnica de preparo trazia este tipo de influência, no dia-a-dia a feijoada era considerada prato rotineiro, sendo parte do cardápio carioca, em lares pensões e confeitarias da cidade. Não havia limite de idade, bebês e idosos se deliciavam com o feijão, carnes e farinha, por vezes, misturando-os todos. Para muitos era o que tinham para comer, sem restrições de gorduras ou coisas do tipo.

Rotinas e celebrações não dispensavam o prato, fosse ele do tipo “mais gordo” feito com partes da cabeça ou a cabeça inteira do porco, ou com menos teor de gordura, era apreciada por gente de toda a idade e toda classe. Sua popularidade pode ser

reconhecida também pela forma de apelidar pessoas, “feijoada” ou simplesmente “feijão”. O afã *hygienista* do final do século XIX atingiu em cheio o prato, considerando-o além de indigesto provocador de gases que nefastamente atingiam o ambiente (CHAIBAN, 2015). Assim, a imitação prestigiosa retirou algumas porções de gente que não queria ter seu apetite e gosto relacionado à inferioridade do prato e de seus típicos consumidores. Bom mesmo na ocasião eram os produtos importados, demonstrando pela comida o quão ilustre era o comensal. Igualmente neste período nota-se a produção de símbolos nacionais, imprescindível às reformas políticas que então consolidavam “nações”^x. A ideologia era servida à mesa.

Simultaneamente, a vulgarização do consumo da feijoada ao longo do século XIX e, igualmente a introdução de certos *habitus* alimentares que promoviam a distinção social, parece ter produzido uma interessante mescla culinária. Ainda que as críticas ao prato, relacionadas a enfermidades, como a febre amarela, tornou-se, ao longo do século XX referência de prato nacional. Como relembra Turner (2008: p.28), as equações sociais, portanto, não são, de modo algum, “objetivamente dados e existem independentemente da experiência e das atividades dos homens”, não sai propriamente de modo linear, consciente, planejado e planejado na ação social. A feijoada foi, então, manipulada, metaforizada, utilizada enquanto recurso político, como parte da sociabilidade republicana nas comemorações dos agrupamentos militares e nos círculos operários (CHAIBAN, 2015).

Diz ainda respeito às construções sobre o passado, às relações raciais que o alocaram sob o título de comida de senzala. Peter Fry (2005) ressaltou a complexidade de certas escolhas simbólicas ao revisitar a temática “feijoada” 25 anos após seu primeiro artigo sobre o tema (Feijoada e Soul Food, 1982). Destacou a complexidade social e histórica que envolve o prato, que extrapola o sentido único e esquemático de origem estritamente afro-descendente quando absorvido e manipulado, imerso em relações de trocas, de intercâmbios não previstos e não controlados, e muito menos ainda, que não se dá a depurações. O trabalho de Hermano Viana (2005) é citado para reforçar o caráter de relações forjadas numa perspectiva de longa duração, dos encontros e de trocas culturais entre vários grupos, que se coadunam, se conjugam em determinadas expressões culturais, não de modo estático, harmônico, mas, ao contrário, que podem ser identificados como lugares de expressão em que os conflitos e as disputas de sentidos e valores estão constantemente latentes. No caso da origem “escrava” igualmente se empobrece a análise quando se aborda o mundo do escravismo brasileiro sob a perspectiva dual (senhor/escravo), sem considerar a complexidade das relações e interações da vida social do longo e não-linear escravismo brasileiro^{xi}.

O debate sobre “mestiçagem” não foi superado, ao contrário, temos um cenário de tensões. A feijoada, portanto, é alvo de disputas. Que origem? “Nacional”? “Mestiça”? “Escrava”? “Da senzala”? As relações étnico-raciais se complexificaram nas últimas três décadas, a política racial ganhou notoriedade no cenário nacional. A exemplo disso destacam-se neste novo cenário as políticas de Ação Afirmativa, destinadas a promover ações que alterem o quadro de desigualdades raciais e combate ao racismo; no mesmo sentido, a lei de ensino de história e cultura africana nas escolas (10.639/2003); e, ainda, aquelas que levam ao reconhecimento de terras quilombolas (Decreto no. 4.887/2003^{xii}). Temos ainda um caminho a percorrer no quadro que se desenvolve nos termos da apropriação cultural, enquanto debate de

enfrentamento às espoliações culturais de grupos/população dominados, evidenciando o deslocamento de sentido pautado por tal população.

O quadro de referência teórica adquire outros contornos influenciados pela corrente multicultural norte-americana, influente na educação que passa a aderir ao conceito "étnico-racial" (Oliveira, 2006), qualificações usuais em ações que afirmam certos pertencimentos, elementos constituintes de identidades de sujeitos e coletivos; compreendendo "raça" por seus aspectos morfobiológicos e etnia nas tramas socioculturais, histórica e psicológica (MUNANGA, 2004).

A respeito da etnia, Kabenguele Munanga afirma que "um conjunto de indivíduos que histórica ou mitologicamente têm um ancestral comum, uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente em um mesmo território" (Munanga, 2004, p. 28-29). Desta visão, acentua-se o caráter de escolha do sujeito, daquele que deliberadamente se auto-identifica com um dito pertencimento comum, que escolhe pertencer a certo grupo de sentido, em que se estabelecem sentimentos de pertença e de suas trajetórias de ação, pretérita e futura. É este o caminho que a etnicidade promove, como pretendemos demonstrar.

3. Breve consideração sobre etnicidade:

A respeito da etnicidade, em linhas gerais^{xiii}, explicita-se que diz respeito a ação social, a caracterização de identidades socialmente construídas, historicizadas, sendo considerado como mecanismo de diferenciação inerente às relações que atores sociais estabelecem na/pela dinâmica social, por meio de suas interações, para determinados fins. Enfatiza-se a ação do sujeito, sua intenção racional, deliberada, "negociada", o que implica cálculo e intenções, afetivas, subjetivas e intersubjetivas. A etnicidade atua como veículo de identidade, como tática e estratégia no jogo das relações sociais étnicas, delimitando numa perspectiva relacional os percursos e fronteiras (DUMONT, 1992; BARTH, 1995; 2000). Como elemento operacional da identidade, pode ser intercambiada, não fixa, possibilitando acionamentos de acordo com determinados contextos. Faz uso do conteúdo simbólico da identidade a fim de promover sentimento de solidariedade, entendimentos e direcionamento a interesses comuns. Pode ainda ser relacionada a situações, lugares e objetos, e, ainda, a eventos que contribuam para que sentidos e valores possam ser compartilhados, agenciando sinais diacríticos e pertencimentos.

A ancoragem da etnicidade está relacionada a processos históricos específicos e às relações que este institui. Afinal, os atores sociais não são ilhas isoladas no tempo e espaço. A etnicidade, na verdade, como afirma Barth (1995), representa a organização da diferença, as relações de alteridade, o contraste entre "nós" e o "outro". É forma de organização social, fenômeno social relacionado às oportunidades políticas, em certos casos do próprio Estado, fomentando nichos de ação.

A etnicidade tornou-se um referencial pelo qual pesquisadores buscam investigar as identidades no mundo contemporâneo onde as fronteiras identitárias nem sempre são tão visíveis e delimitadas, ao contrário, encontram-se fluidas, sobrepostas, descontínuas e imaginadas. Quando se trata de sociedades aparentemente e, historicamente, homogeneizadas como a brasileira, as distinções étnicas vem tornando-se marcadores que vocalizam uma série de proposições sociais, de

visibilidade a certos atores sociais e suas lutas políticas, como por exemplo, contra estigmas sociais, pela disputa de bens, por reconhecimento e garantia de direitos.

Direcionando o interesse e olhar para a “Feijoada da Liberdade” sob a perspectiva da etnicidade, consideramos a comida em seu potencial comunicativo, como gramática (STRAUSS, 1975) e veículo de memórias (HOLTZMAN, 2006). A comida é considerada como central no senso de identidade, sendo o alimento e seu preparo fundamentais na produção de diversidade cultural, de hierarquias e organização social; nas eleições que englobam questões biológicas, ecológicas e psicológicas, além de fornecer subsídios à identidade individual e coletiva. As escolhas alimentares são, também, fundamentais na produção de sociabilidades que, por conseguinte, conformam as identidades (FISCHLER, 1988).

Como mencionado, grande parte do relato que segue é fruto de uma etnografia produzida na V feijoada da Liberdade no Quilombo da Machadinha (2016), além de conversas com as lideranças locais e participantes em geral da produção e consumidores da iguaria presentes no festejo. O clima da feijoada era de celebração, por estarem realizando o evento sem nenhum tipo de parceria, especialmente com a prefeitura com quem mantém relações ambíguas e, em certos momentos conflituosas. A marca identitária de negritude evoca a ancestralidade dos povos escravizados, vetor de etnicidade, de sentimento comum de pertença, sendo gramática, veículo comunicante de pensamento e fazeres.

Estão presentes na narrativa da “feijoada étnica” um imaginário do tempo da escravidão, especialmente na dança do jongo, encenada com discurso sobre a escravidão e, literalmente com quebra de correntes; sob o pano de fundo de uma arquitetura colonial em que a casa grande se encontra em ruínas e as senzalas de pé, sendo recorrente a fala de que a “senzala” venceu a “casa grande”, admoestação de que um grupo oprimido venceu seu opressor. A feijoada neste contexto é reiteradamente lembrada como “comida dos escravos” e que o fazem em “memória de”, buscando em tal repetição mantê-los vivos em si em suas memórias, reafirmando a presença dos afrodescendentes diante de uma casa colonial em ruínas. Prossigamos então conhecendo a Machadinha e descortinando um pouco mais o evento que se institui como estratégia étnica, universo de sentidos para ser habitado pelos convidados, que se inserem nesta experiência onírica de sons, cores, corpos em movimento e temperos.

4. Feijoada da Liberdade, por trás do feijão:

Ingredientes (para 400 pessoas): 20 kg de feijão; 15 kg de arroz; 15 kg de carne seca, 10 kg de baycon, 10 kg de lombo; 5kg de pé, 5kg de orelha, 10 kg de calabresa e de 3 kg de costelinha salgada; 1 caixa de laranja; 6 kg de farinha e 30 molhos de couve. **Mão de obra:** 7 cozinheiras, mais pessoal para vender e servir (o grupo de jongo).

A feijoada-evento da Machadinha acontece duas vezes ao ano, no dia 13 de Maio, quando celebra-se a abolição da escravatura e o 20 de novembro, dia da consciência negra^{xiv}. O preparo do evento envolveu grande número de moradores do Quilombo da Machadinha^{xv}, aqueles que participam da Associação de Moradores e do grupo de

jongo. Há quem participe dos dois, simultaneamente. Contou ainda com a participação da rede de amigos e parentes. Houve moradores pagos pelo serviço de cozinha, que incluía o preparo da feijoada e a limpeza final. A escolha dessas pessoas não é tarefa fácil, prioriza-se quem tem experiência em cozinhar para muita gente. Isto não acontece sem críticas, dizem que estas, geralmente, acabam sendo as mesmas, pois tiveram experiência anterior num projeto local, o “Raízes do Sabor”^{xvi}, provocando alguns dissabores internos.

Neste evento em particular foi grande a movimentação e contribuição do grupo de jongo, tanto o mirim quanto o adulto. Isto significou o envolvimento igualmente a rede de parentela dos grupos que, em certos casos, refere-se a poucas famílias. Destaca-se que, comumente, é característica de quilombos extensa rede de parentesco. Assim, além de um grande número de moradores fazerem parte da produção reforçando suas relações de proximidade e/ou parentesco, compartilha-se um universo de sentidos e significados de pertencimento, de valores e visão de mundo, contrastivos, complementares, conflituosos, amistosos, enfim, torna-se um espaço poderoso de trocas afetivas e simbólicas.

Assim, o evento primou pela colaboração comunitária. Inúmeras reuniões foram realizadas discutindo a importância da feijoada e, neste sentido, estavam: 1. A conquista da autonomia de sua produção em relação a prefeitura – não eram eles que estavam “bancando” a feijoada, mas sim a comunidade. Demarcava-se que não eram somente eles que sabiam fazer grandes eventos, os moradores, unidos também conseguiam; 2. Celebravam a instauração de uma nova Associação de Moradores, que agora englobava as cinco localidades do Quilombo (Associação de Remanescentes do Quilombo de Machadinho -ARQUIMA) – enfatizando o pertencimento de todas estas áreas na unidade “Quilombo”, sentimento e entendimento não compartilhado por todos; 3. A importância de ocuparem certos espaços, como a antiga Casa de Artes (restaurante administrado pela prefeitura), no intuito de futuramente vir a se tornar “espaço comunitário”; 4. Como desdobramento do item anterior, a demarcação da posição da comunidade na luta pelo direito à terra.

O envolvimento, portanto, de moradores de todas as localidades do Quilombo era de suma importância para que estas intenções, motivações e ações pudesse alcançar o maior número de pessoas. A organização primou por um tom afetivo de conquista das pessoas, utilizando o argumento da “nossa feijoada” e de mostrar que era possível realizá-la sem a prefeitura como um incentivo futuro para que outros eventos possam ser igualmente concretizados, sobretudo, inspirando a geração de renda local. Neste sentido, entre o atrativo exposto está o fato de serem quilombolas, considerando que há um mercado turístico, uma demanda, nos quilombos um “nicho” no mercado cultural.

No dia anterior ao evento, o local foi limpo. Desta limpeza convém ressaltar a preocupação constante de que tudo tivesse impecável. O tempo inteiro parecia haver um diálogo interno com “a prefeitura”: “eles entregaram sujo”; “estava um horror”; “se não fosse a gente...”. Estas falas sinalizam uma raiva contida pelo espaço permanecer vazio enquanto há pessoas competentes que podem mantê-lo funcionando. Em alguns momentos parecia que a dimensão temporal se rompia e a prefeitura tornava-se casa grande e ouvia-se algo parecido com “eles acham que não somos capazes porque descendemos de escravos”. Por outro lado, ao relacionar-me

com alguns membros da prefeitura tive impressão semelhante, temem ardorosamente perder a tutela que mantém sobre o lugar e seus moradores. Diga-se de passagem, que o antigo prefeito e outros funcionários, são descendentes direto da família Carneiro, antigos proprietários das terras do atual quilombo detentores de uma memória colonial que até então faziam questão de manter no memorial local (SOUZA, 2017).

O preparo da feijoada iniciou-se na sexta: cortar couve e carnes. Dessalgar as carnes; cortar temperos, a cebola, o alho e o cheiro verde; e colher o feijão e iniciar o cozimento. No sábado pela manhã, todos se reuniram para um café da manhã coletivo, quem pode levou um pão, um bolo, café, leite. Para alguns tratava-se de um esforço fenomenal, pois contribuíra com dinheiro, alimento e trabalho. Destaco que a distância entre as localidades é relativamente grande, por vezes 10 km e não há transporte circulando internamente, sendo a carona, a bicicleta, a moto ou cavalo o meio que utilizaram, dificultando enormemente a proximidade entre os moradores desses núcleos, sendo assim, o evento torna-se importante vetor de socialização desses moradores.

No dia do evento, desde às dez horas já havia visitantes. Grupos que vieram de Macaé para prestigiar o evento. Chegaram repletos de crianças. Outras pessoas vieram de Quissamã, de Rio das Ostras, de Campos dos Goytacazes, do Rio de Janeiro e de Niterói. Boa parte delas tinha alguma *afinidade conceitual*, compartilhava senso de mundo em comum a respeito da afrodescendência que produz, universo de sentidos partilhados nas suas tarefas artísticas ou no engajamento político cultural, como o caso do grupo Divisão Cultural da Associação de Capoeira Raízes de Aruanda, originário de Macaé. O apoio seria para “*não deixar a cultura morrer*”, de “*manter a tradição dos antepassados*”. Outros, como as lideranças quilombolas ou de organizações quilombolas, como a Associação Quilombola do Estado do Rio de Janeiro (AQUILERJ), por exemplo, fomentam o apoio às causas políticas em trâmite, como o reconhecimento e propriedade das terras quilombolas. Observou-se que, de modo geral, eram pessoas que mantinham pensamento e ações comuns em seus lugares de origem, sendo, em alguns casos, participantes de movimentos sociais ou grupos culturais com temáticas afins, relacionadas à cultura popular afro-brasileira, no campo da religiosidade, das danças populares e/ou expressões como a capoeira.

O meio de divulgação^{xvii} abrangeu também outros perfis. Estes possuíam outro tipo de afinidade. Interessados em conhecer um quilombo, formavam um público ávido pela experiência, pelo imaginário que envolve o lugar e seus moradores. O mote era turístico, que propagava a idealização de um tipo quilombo que, junto à feijoada e as antigas senzalas, tornava-se um perfeito cenário de telenovela. Ônibus de excursão levaram turistas de Campos dos Goytacazes para “comer a feijoada num Quilombo”. A agente de turismo responsável pela excussão exclamava a todos: “O lugar que nós estamos...”. Sua explanação mencionava a todo tempo as expressões “autêntico” e “autêntica”. Enquanto caminhava com o grupo em direção ao Memorial, enfatizava a história da família Carneiro. O espaço do memorial, alocado em uma das senzalas, fora preparado para a prefeitura para contar a história da Machadinha pelo ótico dos Carneiros. Nos aquários estavam expostas fotografias que narravam a história do negro no Brasil, de modo genérico e sem o chão daquele terreiro. Tomava como hipótese a tese de que os escravos da Machadinha eram originários de Kissama, na África. Esta gênese foi montada pela prefeitura a partir de uma expedição

realizada pela antiga primeira dama. Da África trouxeram “comprovações” da origem, a partir de quadros fotográficos, fenótipos que comparavam os moradores da Machadinha com os de Kissama^{xviii}. Neste ambiente os visitantes tomavam ciência daquela africanidade da Machadinha. Turistas, estudantes (neste dia havia alunos do Instituto Federal Fluminense (IFF), que aproveitaram o evento para uma aula de campo da disciplina de História sobre patrimônio) e visitantes em geral passavam pelo Memorial, acervo dos descendentes dos Carneiros que foram à África para recriar a sua versão de escravidão e presentear os moradores da Machadinha.

Estiveram também presentes políticos locais de diferentes filiações partidárias. Especial destaque para o fato que 2016 fora ano eleitoral. Os candidatos da família Carneiro, consideravam Machadinha seu colégio eleitoral. Afinal, realizaram no local as reformas das senzalas – procuravam esconder o fato de que queriam retirar os moradores para fazer do local um centro turístico, esvaziado de pessoas. Particularmente Alexandra Moreira, ex-primeira dama e ex-presidente da Fundação de Cultura e Lazer, responsável pela tal expedição à África, movimentou bastante o evento. Os comentários nem sempre eram elogiosos e o mais comum era que ela se considerava dona da Machadinha. Mas, espertamente, abraços e apertos de mão eram alegremente distribuídos pelos políticos que ouviam indiscriminados: “*Machadinha está com você*” ou “*Este lugar é seu!*”. E assim os políticos circulavam, fazendo presença, nos moldes do “é importante pra eles, é importante também pra mim”. Esta micropolítica da presença só avalizou o encontro, reforçando, indiretamente os aspectos simbólicos que nele foram postos, em particular o passo de autonomia que a comunidade conquistou.

O lugar onde foi servido a feijoada, a Casa de Artes, é uma antiga estribaria que se transformou em moradia e depois das reformas ocorridas em 2001 foi transformada numa área destinada a comensalidade e apresentações artísticas. O espaço é dividido em três áreas: a cozinha, o salão e uma pequena loja - destinada à venda de doces e artesanatos. No evento, foram vendidos também espetinhos de churrasco com arroz e farofa para quem não apreciava a feijoada. Durante a feijoada, o mestre Leandro, do jongo Tambores da Machadinha, cantou alguns pontos acompanhado de seu tambor. Às três horas da tarde não havia mais comida e até às seis horas aparecia gente interessada em experimentar a famosa feijoada. O preço foi considerado bom para o bolso (R\$12,00) e houve quem preferiu comer em casa.



Figura 1: Salão da Casa de Artes

Em paralelo à feijoada, houve contação de histórias, encenação de contos de antigos moradores da Machadinha, parte do trabalho, “Flores da Senzala”, realizado no Memorial por sua coordenadora, a quilombola Dalma dos Santos. Na sequência, houve a apresentação do Cortejo do Boi Malhadinho e a oficina de Jongo Mirim, ministrada pelos jovens do grupo de jongo. Na parte da tarde, uma roda de conversa

com a temática "Vivências quilombolas" aproximou os moradores dos visitantes, que escutaram histórias e lhes fizeram perguntas. Moradores mais velhos foram escolhidos para a ocasião estavam inicialmente tímidos diante de um grupo grande que lhes olham curiosos. Diziam não ter nada para contar, mas, em seguida, não abandonava o microfone, como Seu Gilson, ávido para contar histórias de sua relação com o grupo de jongo e que não perdi a oportunidade de relatar a dificuldade com sua aposentadoria que nunca chega. Ao anoitecer, a fogueira foi acesa, os tambores colocados próximos para afiná-los e consagrá-los à ancestralidade, em seguida deu-se início a roda de jongo esperado como coroação do evento étnico.

Naquela noite, um antigo ponto de jongo foi cantado: "*Cundê, cundê, cundê cundê, eu não to prá fazer roça pros boi dos outro comer*". Leandro Nunes, mestre do jongo, explicou que os escravos não queriam mais plantar para o boi dos outros, do senhor, se alimentar, mas queriam fazê-lo para si. Na feijoada expressaram o desejo de fazer por si, não só a feijoada numa relação de independência com a prefeitura, mas havia o forte interesse em se reconstruir como grupo, como comunidade de interesses comuns e a feijoada era estratégica neste sentido, apresentando certos valores aos moradores que sentem dificuldade em se reconhecerem como "quilombolas", porque sabem que seus antepassados não fugiram. Assim o próprio sentido de quilombo se reconstrói a partir deste prato que étnico, quilombola.



Figura 2: Finalização do evento

5. Feijoada atividade étnico-política

Concebendo, pois a etnicidade como um veículo identitário, de pertencimento que estrutura identidades coletivas, não circunscrita a um grupo específico ou a um espaço geográfico. Mas, sobretudo, neste caso, diz respeito a uma territorialidade abrangente, da geopolítica multiforme dos processos sociais. Ela promove visibilidade e é vetor utilizada como vetor de identificação, de subjetividades e de ação social específicas.

A feijoada protagoniza assim, na Machadinha, a gramática da etnicidade, convocando àqueles que compartilham do mesmo vocabulário e entendem o que significa a chamada "Feijoada + quilombo". Neste caso, autoidentificação e pertencimento a ideias e causas políticas ou oportunidade de ser notado como defensor ou simpatizante das causas referidas nas ações de quilombolas e grupos culturais afins.

No convite destacam-se elementos que se consideram construídos sob a chancela de "etnicidade" e/ou que reforçam este caráter. A especial atenção aos aspectos subjacentes à memória do grupo em relação à escravidão e todas as relações residuais ficou notória no evento, sendo algo que já observávamos^{xix}. Na feijoada elementos do passado foram reorganizados, aspectos eleitos para servirem de fundamento às ações políticas do grupo. Outros tantos, não desprezados também atuam ao seu modo, neles estão os forçosamente silenciados, como parte de uma dor coletiva. Há ainda, aqueles que vêm sendo intencionalmente apagados, sobretudo pelo poder público que reforça o caráter de uma escravidão branda, de ausência de castigos físicos e da presença de senhores amigáveis^{xx} no local, que concederam aos seus antepassados o direito de permanência: "Essas moradias eram uma espécie de "privilégio" dos escravos mais "obedientes"^{xxi}. Por muito tempo tiveram medo de expressar seus interesses por temer a perda das moradias, porque após o domínio senhorial permaneceram sob a tutela dos usineiros.



A Liberdade que se assinala com a feijoada é poder reconstruir sua própria história sob as bases que se deseja. Neste cenário político, de disputa de terras, a arena da memória destaca a espoliação daqueles que permaneceram na terra em que seus antepassados foram escravizados e destituídos de direitos básicos como a moradia e meios de sobrevivência da/na terra. O esforço aos valores étnicos, significa promover a pertença comum à uma ancestralidade imaginada. A comida, a feijoada ou o capitão de feijão, são utilizados na afirmação de valores e pertencimentos pela via de suas memórias do cativo. A tal respeito ressalta o presidente da Associação de Remanescentes de Quilombo de Machadinho (ARQUIMA), Wagner Nunes: "Essa atividade nos traz a reflexão da importância da preservação da memória e o respeito aos nossos " Pretos Velhos" que resistiram por nós. É também um momento de entendimento sobre a Lei Áurea. Dos seus pontos positivos e negativos para nossa sociedade".

A feijoada foi utilizada como mote para organizar internamente várias situações, como abordamos acima, como reafirmar, por exemplo, o potencial do jongo, identificado junto à feijoada como símbolo focal (TURNER, 2005), elemento estruturante das relações internas e externas ao quilombo, que unifica os moradores de localidades diferentes em torno de propósitos comuns. No almoço festivo, tornam-se ainda mais "quilombolas", colocam seus adereços, como o turbante no caso das mulheres e camisas com slogans étnicos. No evento, reforçam o papel da ARQUIMA como um coletivo das cinco comunidades, pela presença de moradores do Mutum, do Bacurau, do Sítio Boa Vista, do Sítio Santa Luzia e da Machadinho. Também enfrentaram a prefeitura com a ocupação de certos lugares, como a Casa de Artes e outros espaços simbólicos, afirmando-se enquanto detentores de sua própria história, encenada por Dalma e seus contos, além da performance do próprio evento.

Atentando para armadilhas do anacronismo temporal, aquele que reifica lugares e pessoas, lhes inflige uma essência de imutabilidade. A Machadinha não saiu diretamente de fins do século XIX para o XXI numa máquina do tempo. Neste lugar, os moradores vivenciam as agruras de habitar uma zona periurbana nua antiga e falida área de produção de cana-de-açúcar. Vivenciam o abandono de políticas públicas destinadas à população rural e, mais ainda, às populações tradicionais. Sua urbanidade é precária, com abastecimento de água ínfimo e oferta apenas de educação fundamental. O transporte? Apenas em algumas horas do dia e não que não circula por todas as comunidades. Graças a comunicação por celular podem combinar programas, caronas e assim têm grupos em que dialogam sobre os problemas do quilombo.

Machadinha vive a década de 2016. Seus afetos e suas subjetividades são transpassados pelo passado escravagista, mas não estão presos a ele e nem tampouco querem que assim seja. Há quem mencione o “tempo da usina”, determinante também na cultura local. Nota-se forte relação com a terra, com seu cultivo, com o roçado, com o gado de leite, com a cria de galinhas e porcos, produtos voltados para o auto-consumo. O cavalo é animal apreciado para a locomoção interna e para brincadeiras com o gado, para pegar o gado no laço. A demanda por terras e condições de beneficiá-la é imensa, notada por exemplo, numa roça de quiabo na beira da estrada, entre a cerca de arame da fazenda e a porta da casa. As fronteiras, imaginárias ou não, estão presentes neste lugar e são parte das relações historicamente construídas. A etnicidade, como demonstramos pelo evento feijoada, é estratégia que possibilita inovar as tramas culturais e produzir rede de relações, tanto dentro quanto fora do quilombo.

6. Por fim, feijoada e a chancela da etnicidade

Notam-se disjunções históricas nas apropriações de caráter étnico, reiventando tradições para que cumpram certos papéis em dadas conjunturas. A feijoada é “plástica” e ocupa muito bem o papel tanto a nível do “nacional” quanto no que se refere às localidades, como “feijoada carioca”, “feijoada do samba da Serrinha”, “feijoada da Portela”, “feijoada do quilombo”, entre outras. Esta disjunção pode ser compreendida pelo que Bhabha (1998) denominou de “tempo homogêneo vazio” da modernidade global, da disjunção entre tempo, espaço e tradição, provocando a evocação das ditas “culturas subalternas”. Na “homogeneização”, pergunta-se: A quem de fato pertencem? Deve de fato pertencer?

A articulação e distinção das diferenças, tornam-se, pois, vitais no contexto em que se quer demarcar as diferenças culturais. A apropriação e recriação de símbolos que contenham certas referências étnicas igualmente tornam-se importantes referenciais identitários. Para os moradores da Machadinha, a feijoada enquanto evento político vem tornando-se um importante marco de referência interna e externa. A feijoada possibilita fazer circular internamente a identidade quilombola, reunindo moradores de diferentes idades no preparo e na comensalidade, sendo este um dia dedicado a encontrarem-se com parentes e amigos que moram em sítios distantes.

Aos visitantes e amigos que se fazem presentes reafirma-se igualmente este caráter e angariam simpatias e apoio para as disputas políticas do momento presente, considerando em especial que estão, sobretudo, vinculadas à temática identidade

quilombola. Para o poder público municipal, que a pouco tempo atrás era o anfitrião deste festejo restou o apoio e a tentativa de beneficiar-se com o crescente prestígio dos quilombolas. Nesta última feijoada, pareciam a todo momento querer uma oportunidade para estar próximos às lideranças locais mediante a proporção que o evento tomou como se fossem igualmente responsáveis pelo sucesso. Membros do INCRA, numa reunião posterior sinalizaram a importância deste tipo de evento como agregador e fortalecedor do sentimento comunitário, vínculo que serve à promoção de reconhecimento, de futura titulação das terras.

A análise de um fenômeno como este requer abranger inúmeros aspectos presentes na dimensão do comer. A comida é sensorial, tem cheiro, gosto e memórias. As memórias são construídas, relacionais, e relacionadas a situações. Comunica inúmeras formas de vida cultural, e, nem sempre de maneira direta, pois, ainda que o menu descreva os ingredientes, não apresenta seus atributos simbólicos e, estes, são por vezes, os que mais traduzem os sentidos que o comer e a comida possuem. A comida tem grande potencial de evocar sentidos, e, por este motivo expressa tão bem aspectos das relações sociais que dizem respeito aos sentimentos, aos modos de relacionarem-se com situações como o a diáspora, na possibilidade de reinventar-se a partir de novos contatos e imersões culturais. Reinventa-se o prato e seu povo no mesmo fogo, que é labareda cultural, transformando as relações "naturais" em artifícios e artefatos humanos em todos os aspectos possíveis que este termo carrega.

Um prato típico ensina, traduz, demonstra a tradição na sua plena condição inventiva e renovadora do social. A trajetória da feijoada empreende o olhar para os processos de sua produção, dos alimentos ao produto final e todas as relações estabelecidas para a eficácia esperada, o ingrediente étnico. Aqui o sentido é a visibilidade do grupo, sua potencialização enquanto população quilombola e inúmeras articulações políticas que transpõe a circunscrição do dia da feijoada. A historicidade da feijoada e do grupo que a produz estão imbricadas em jogos de disputa, se *soul food* ou não, o que importa de fato são as reinvenções, as articulações, valores e significados em usos acionados para diferentes fins. A feijoada aqui é quilombola e serve à mesa e à identidade do povo da Machadinha. Você escolhe, com ou sem pimenta.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

DAMATTA, R. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. Correio da Unesco, 15(7):21- 23, 1987.

_____. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998.

Barth, Fredrik. "**Ethnicity and The Concept of Culture**". Paper presented to the Conference 'Rethinking Culture', Harvard 1995

_____. **O Guru, o Iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

CHAIBAN, Almir El-Kareb, "Negra que te quero Negra", in **Revista Demetra** 10 (3), 2015.

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice Halbwachs e March Bloch. Em torno do conceito de Memória Coletiva. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 18, maio de 2010, p. 153 a 161. Disponível em periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/.../5607. Acesso em junho de 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 2a edição. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. da USP, 1983 (2 vols.)

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DOUGLAS, Mary. "Deciphering a meal". In: *Implicit meanings: essays in anthropology*. London: Routledge, 1975.

GOLDMAN, Márcio (2007). Introdução: Políticas e Subjetividades nos "Novos Movimentos Culturais", in: **Ilha Revista de Antropologia**, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC.

Acesso: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/6315/14891>

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10a edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

SOBRAL José Manuel e RODRIGUES Patrícia. *O "fiel amigo": o bacalhau e a identidade portuguesa*, in **Revista Etnográfica**, vol 17,3, 2013. Disponível em: <https://etnografica.revues.org/3252> Acesso em 26 de setembro de 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. O Triângulo Culinário. In: Simonis, Ivan. **Introdução ao Estruturalismo: Claude Lévi-Strauss ou a paixão do incesto**. Lisboa: Moraes, 1979.

LUZ, Therezinha Madel e BARROS, Nelson (Org.). **Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde. Estudos Teóricos e Empíricos**. Rio de Janeiro: UERJ: 2012.

MINTZ, Sidney. "Comida e Antropologia. Uma breve revisão", in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16 no 47. 2001)

MUNANGA, Kabenguele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb nº 5. Niterói: EdUFF, 2004.

SOUZA, Mônica Dias. "Quilombo Machadinha, a memória e o "evento memorial". Territórios Criativos. **Prospecção e Capacitação em Territórios Criativos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. CEART/Mundo das Ideias, 2017.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

. **Dramas, Campos e Metáforas.** Niterói: EdUFF, 2008.

OLIVEIRA, Iolanda. "Raça, currículo e práxis pedagógica", in: **Caderno PENESB**, no. 7, População negra e educação escolar, Universidade Federal Fluminense, 2006.

WOORTMANN, Ellen. **A comida como Linguagem**, in: Revista *Habitus*, v.11. Goiania, 2013.

ⁱⁱ Doutora em Antropologia Social (UFRJ; Mestre em História (UFF). Pesquisadora do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro-IFCS/UFRJ).

ⁱⁱ A pesquisa foi realizada no contexto do projeto de Prospecção e Capacitação em Territórios Criativos (UFF/MinC) no qual participei como assessora no período de 2015/16.

ⁱⁱⁱ Sobre esta temática, apoiei-me nos trabalhos de Márcio Goldman (2007), "Introdução: Políticas e Subjetividades nos ""Novos Movimentos Culturais""", e de Ana Claudia Cruz da Silva, "Militância, cultura e política em movimentos afro-culturais".

^{iv} Oficina de jongo, de percussão e de histórias para crianças são algumas das atividades oferecidas.

^v Contribui nesta reflexão a proposta de "comunidade imaginada" de Benedict Anderson (XXXX) junto às reflexões de Éric Hobsbawn e Terencer Ranger sobre a invenção de tradições (1997) e segue o entendimento acerca da memória tomada pela perspectiva coletiva, analisada por Halbwachs (2006).

^{vi} Incorporei o termo *batalha* que tantas vezes é ouvido em campo em relação aos enfrentamentos políticos com as instituições públicas que não reconhecem certos direitos. Etapas como a invisibilização, a negligência, o reconhecimento, a tolerância, o desprezo, a divergência, os conflitos, acordos e a mitigação, misturam-se nos processos. A ideia de guerra, de batalha, de luta, de vitória, entre outros termos bélicos está sempre em circulação nas falas do grupo estudado quanto noutros grupos engajados em movimentos sociais com os quais já tive contato.

^{vii} Estou conscientemente produzindo uma generalização. Há, certamente, muito mais complexidade na identidade quilombola de Machadinha. O território é complexo. As relações de pertencimento e identidade diversas, reiterada por vivências internas e externas distintas e subjetividades advindas de processos de formação igualmente diferenciados.

^{viii} A metáfora é interativa, não é um paradigma posto, estático. Sua dinâmica consiste em dois pensamentos diferentes atuando juntos. Uma só palavra ou expressão usada na interação, engendrando o pensamento, produzindo, subsidiando associações é nossa referência a partir de Turner (2008: pp.24-28).

^{ix} A ênfase é o elemento étnico da feijoada. Entretanto, destaca-se que este prato popular e a comensalidade que produz, é frequentemente utilizado para arrecadação de fundos de toda espécie, tanto por grupos sociais relacionados a temática afro-brasileira ou não. É possível degusta-la em diversos ambientes, de igrejas de matriz evangélica a centros espíritas, bares e hotéis, blocos carnavalescos, entre outros eventos políticos e de lazer. A comensalidade parental e de círculos de amizades de pratos típicos como a feijoada ou o churrasco, é bastante comum em várias regiões do Brasil.

^x Sobre a construção de identidades nacionais e seu potente e eficaz universo simbólico vale consultar Vitor Turner (*Dramas, Campos e Metáforas*, 2008) em torno da Virgem de Guadalupe, de revolucionários, heróis míticos como Hidalgo e a construção simbólica do próprio México. Segue como referência também o clássico de Benedict Anderson, *Comunidades Imaginadas* (2008) e Hobsbawn e Ranger (op.cit.), com o precioso *Invenção das Tradições*.

^{xi} Diz respeito a origens diversas dos africanos, seus costumes e modos de viver, das variações regionais e dos modos de trabalho; das relações jurídicas que se transformam ao longo do tempo, modificando o conceito de propriedade, direito e liberdade; das formas de resistência escrava; dos hibridismos religiosos e outras tramas da vida social não reducionistas. Ver entre outros: CHALHOUB, 1998; CASTRO, 1998;

^{xii} Sem adentrar nas especificidades destas políticas destaca-se a importância de cada uma no cenário político e no campo das ideias, por movimentarem o debate acerca da racialização das relações sociais/raciais. Para uma visão geral, consultar: “Racismo I”, Revista USP, nº.68.

^{xiii} Há conceitos de grupos étnicos distintos. O debate tem complexa trajetória nas ciências sociais. Abner Cohen (1919) e e Frederick Barth (1969) são referências. Destacam-se também estudos produzidos por Poutignat & Streiff-Fenart (1998); Eriksen (1991), entre outros.

^{xiv} Interessante pensar que o 20 de novembro foi data proposta pelo Movimento Negro em disputa de memória e símbolos pela Abolição da escravidão, para que fosse marcada a luta em detrimento da “dádiva”, mas, nota-se a incorporação das duas datas em inúmeras agendas de movimentos ligados à negritude. A este respeito vale a leitura da dissertação: SANTOS, Micênio. *13 de Maio, 20 de Novembro*: uma descrição da construção de símbolos nacionais e raciais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Ciências Sociais, UFRJ. Rio de Janeiro, 1991.

^{xv} Constituída por 5 comunidades: Bacurau, Santa Luzia, Mutum, Boa Vista e Machadinha. A ideia de núcleo de pertencimento comum vem sendo construída ao longo dos últimos dez anos. O reconhecimento do lugar como terra de quilombo foi feito em 2002 pela Fundação Palmares. A princípio a comunidade que mais se identificou com o título foi Machadinha, onde se localiza alguns equipamentos reconhecidos pelo Inepac em 1977. Neste núcleo os moradores moram em antigas senzalas fortalecendo a relação simbólica entre o tempo do cativo e a afro-descendência. Noutros núcleos o processo vem ocorrendo de modo lento e gradual, ou seja, nem todos se identificam como pertencentes a uma comunidade quilombola. O entendimento acerca de quilombo refere-se ainda a sua relação como espaço de fuga. A não identificação é analisada como falta de conhecimento das novas interpretações adquiridas por meio da constituição de 1988, que ampliou o sentido de quilombo tratando como lugares em que se identifique remanescente de população escravizada. Ou seja, o processo passa pela auto identificação quilombola. Refere-se ainda a não-identificação. Refere-se a tal modo sobre o efeito de associação do quilombo a lugar de fuga, lugar de negros fugitivos, rebeldes. Além disso, as cinco comunidades não se identificavam como unidade. A identidade quilombola não lhes era comum.

^{xvi} O projeto “Raízes do Sabor” recebeu o prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro em 2010. As receitas foram mantidas pela memória de Sr. Carlos Patrocínio, Seu Carlinhos, neto do último cozinheiro do barão. A cozinha foi então considerada pelos moradores é “o que comia a antiga população local”. Os pratos servidos eram: Mulato velho, uma mistura de filé de peixe salgado, abóbora e feijão, a Tapioca com sassá (um tipo de peixe), a Sopa de leite, feita de carne seca com pirão de leite, e a Sanema, um doce de mandioca e coco enrolado na folha de bananeira. Na propaganda dessas iguarias acrescenta-se que estas eram produzidas ao som de cantigas em yorubá (<http://virgula.uol.com.br/comportamento/resgate-da-culinaria-afrodescentente-em-quissama-e-destaque-no-turismo/>)

^{xvii} A feijoada foi divulgada pela internet, na página do facebook:

<https://www.facebook.com/jongode.machadinha?fref=ts> e outras redes:

<http://koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp?cod=14720>

<http://www.jornalterceiravia.com.br/noticias/norte-noroeste-fluminense/85167/-feijoada-da-liberdade-na-fazenda-machadinha-sera-sabado-em-quissama>; <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2014/05/fazenda-machadinha-celebra-dia-de-cultura-e-liberdade-em-quissama-rj.html>; http://ururau.com.br/diversao44868_Atividades-culturais-movimentam-Machadinha-no-domingo,-em-Quissam%C3%A3-

^{xviii} Esta exposição e tese foi desfeita pela nova organização do Memorial pelo projeto Territórios Criativos (UFF/MinC) de modo colaborativo e enfatizando a memória dos moradores.

^{xix} Lembro que minha inserção na Machadinha tinha aproximadamente um ano e alguns meses quando fiz a observação do evento e que ele serviu como base para as questões anteriormente gestadas.

^{xx} Isto pode ser conferido no livro divulgado pela prefeitura, uma releitura da escravidão na região no livro que narra a história de um morador, um dos mais antigos, Seu Tide. No livro, “Tidinho”, aprende a história sobre seus antepassados contada pela senhora da Casa Grande. A mudança da antiga exposição do Memorial foi repleta de conflitos entre a equipe do Projeto Territórios Criativos e moradores junto à

Prefeitura, que queria manter uma certa versão da história do lugar, nela os Carneiros apareciam como beneméritos do lugar.

^{xxi} Depoimento de Bruno Santos, antigo coordenador do Memorial, in:

<http://www.jornalterceiravia.com.br/noticias/norte-noroeste-fluminense/68291/machadinha:-quilombolas-ainda-vivem-nas-senzalas-de-seus-antepassados>. Acesso em 30 de setembro de 2016.